

**SIMPOSIO TEMÁTICO 3**  
**LITERATURA, CINEMA E VIOLÊNCIA NA CONTEMPORANEIDADE**

**Coordenadores:**

Lizandro Carlos Calegari (UFSM)

Luana Teixeira Porto (URI)

22/08/2017 – TERÇA-FEIRA

15:30 – 17:30

**7200 - A LITERATURA DA SHOAH NO BRASIL: NOTAS SOBRE A VIDA E A LUTA DE UMA SOBREVIVENTE DO HOLOCAUSTO, DE SABINA KUSTIN**

Lizandro Carlos Calegari (UFSM)

Imigrantes judeus fizeram-se presentes em terras brasileiras desde o período colonial. É durante e após a Segunda Guerra Mundial (1942-1945), entretanto, em razão da perseguição nazista, que eles começam a chegar, em número muito mais expressivo, no Brasil. Muitos deles, vítimas do antissemitismo e ex-prisioneiros de campos de concentração, narram suas histórias de vida, constituindo-se, assim, num corpus de obras testemunhais sobre sua relação com o Holocausto ou a Shoah. Essa literatura da Shoah no Brasil foi escrita por judeus em solo brasileiro, em língua portuguesa, procurando, muitas vezes, além de narrar suas experiências traumáticas, atar seu passado ao momento presente. O objetivo deste trabalho é analisar o livro *A vida e a luta de uma sobrevivente do holocausto* (2005), de Sabina Kustin, considerando o trauma da vítima, a memória e a importância do relato testemunhal. Atingida brutalmente pela violência, Kustin deixa em seu relato marcas do trauma formulado no passado, mas que atingem sua memória e seu presente. A escrita seria, então, um meio de revisão desse passado traumático e uma possibilidade de alívio ou amenização da dor. Para o embasamento da presente proposta, levam-se em conta estudos de autores como Walter Benjamin, Dori Laub, Regina Igel e Márcio Seligmann-Silva.

Palavras-chave: Literatura da Shoah. Testemunho. Trauma. Violência. Sabina Kustin.

**7502 - MEMÓRIA, VIOLÊNCIA E AUTORITARISMO: AS MARCAS DA LITERATURA DE HERTA MÜLLER**

Adriana Yokoyama (UFSM)

A temática da violência e do autoritarismo tem sido tema de inúmeros debates no âmbito social, político e cultural do país. A reflexão dessas questões no espaço literário, aliadas aos processos memorialísticos, tem legado à história uma enorme contribuição para a ampliação de novos olhares e novas perspectivas, no que diz respeito a contextos específicos. Nesse sentido, o confronto das obras *Tudo o que tenho levado comigo* (2011) e *Fera d'alma* (2013), de Herta Müller, tem como objetivo demonstrar a estreita relação que há entre memória e literatura, na construção de narrativas baseadas no contexto ditatorial, calcadas por uma arte representada pela veracidade. Objetivamos refletir sobre como o autoritarismo de Estado contribuiu para uma escrita dissidente e resistente, na luta pela veracidade dos fatos e pela liberdade; apontar os tipos de fenômenos memorialísticos apresentados pela escritora na composição das obras mencionadas; buscar a estruturação da memória e a construção de identidades mediante o contexto apresentado. A problematização da violência e do autoritarismo, em seu caráter político e resistente, estabelecendo pontos de contato entre as obras, traz à tona assuntos como as representações elaboradas por meio de uma linguagem fraturada, traumática, que expõe as feridas não cicatrizadas de subjetividades em crise, submersas em dores e angústias, principalmente pela imposição do autoritarismo.

Palavras-chave: Herta Müller. Violência. Autoritarismo. Memória.

## **7240 - CARANDIRU DA ESCRITA À IMAGEM: O SISTEMA PRISIONAL BRASILEIRO EM CENA**

Daiane Steiernagel (UFSM)  
Samantha Borges (UFSM)

O presente trabalho apresenta uma leitura da adaptação do livro *Estação Carandiru* (1999), do médico Dráuzio Varella, para o filme *Carandiru* (2003), de Hector Babenco. A partir da aproximação entre o texto-fonte e o texto sincrético, torna-se possível a investigação do processo de adaptação do literário para o cinematográfico, observando as especificidades de cada linguagem. O livro conta a história de prisioneiros de um dos maiores presídios da América Latina, o qual, na época, tinha uma população de 7.000 pessoas. Trazendo um relato da experiência diária e das condições vividas pelos prisioneiros, até culminar em um dos maiores massacres dentro do sistema prisional brasileiro, a obra é considerada, por essas características, um livro-reportagem. O filme, por sua vez, transfere da escrita para a imagem as ações dos personagens, com menos detalhes da rotina dos prisioneiros, principalmente em relação ao tempo, mas possibilitando uma maior difusão da história e podendo ser pensado como um filme-denúncia. A aproximação dessas duas obras permite observar os níveis de intertextualidade existentes entre o texto-fonte e o texto adaptado, pois há uma adaptação do conteúdo, sendo possível estabelecer inúmeras relações de significado. Nos últimos anos, as produções cinematográficas brasileiras derivam temas de maior verossimilhança com as questões sociais do país, possibilitando a discussão de temáticas que reflitam as histórias de um Brasil sem filtro, mais livre do que outras formas de mídia. Neste sentido, a questão da violência está

presente em ambas as obras, diante das histórias de dor dos prisioneiros, como na representação do massacre, o qual ocorreu em outubro de 1992, sendo 111 presos mortos pela polícia. A análise deste estudo se fundamenta em autores como Robert Stam e Linda Hutcheon, na teoria da adaptação, e de Hannah Arendt e Michel Foucault, sobre as questões de violência, poder e sociedade.

### **7341 - O ANIQUILAMENTO DO EU E A SOMBRA DA VIOLÊNCIA EM ASSUNÇÃO DE SALVIANO**

Andrio J. R. dos Santos (UFSM)

O romance *Assunção de Salviano* (1954), de Antonio Callado, narra a história de Manuel Salviano, um carpinteiro de Juazeiro, inicialmente ateu e intolerante a qualquer expressividade religiosa, que, depois de concordar em participar de um engodo e fingir-se de pregador, acaba aparentemente por se converter em um beato. Do começo ao fim do romance, a narrativa nos apresenta um protagonista dilacerado, um *outsider* ciente de sua condição desfavorável, cuja relação com a violência muda ao passo que sua identidade passa por alterações: quando se via como oprimido sem voz, ele almeja pela violência física como forma de libertação; ao ganhar voz através da identidade de pregador, entra em contato com outra forma de possível violência, a de caráter ideológico/discursivo. Dessa forma, o protagonista do romance é acometido por um trauma de memória, devido ao seu contato com a violência. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é discutir como a personagem Manuel Salviano, um cético hostil à religião hegemônica, acaba por tornar-se um messias cujo ideal está fortemente fundamentado na ideia de abnegação e da fé na bondade. Para isso, discutiremos passagens específicas do romance, relativas a momentos anteriores e posteriores à conversão de Salviano. Como aporte teórico e crítico, aproximamo-nos do trabalho de autores como Walter Benjamin (1996), Norberto Bobbio (1998), Jeanne Marie Gagnebin (2002) e Wolfgang Sofsky (2006), entre outros.

Palavras-chave: Alteridade. Crítica Social. Identidade. Violência. Análise crítica.

### **7163 - REALIDADE, FICÇÃO E NARRATIVA NA REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA EM SATANÁS, DE ANDRÉS BAIZ**

Fábio Augusto Steyer (UEPG)

Este trabalho pretende analisar a representação da violência no filme colombiano *Satanás*, de Andrés Baiz (2007). Este filme é baseado na história real de Campo Elías Delgado, um veterano da Guerra do Vietnã que, em dezembro de 1986, em Bogotá, assassinou dezenas de pessoas no famoso episódio conhecido como "Massacre de Pozzetto", referência ao nome do restaurante onde ocorreu o crime. O propósito do texto é investigar as formas narrativas utilizadas no filme para retratar o episódio no cinema, os artifícios cinematográficos, especialmente no que se refere à linguagem, através dos quais ficção e realidade se entrelaçam, além das três histórias paralelas do enredo que convergem para o trágico final

deste triste episódio de violência. Para esta análise serão utilizados como referenciais importantes autores que discutiram as características essenciais da linguagem cinematográfica e suas formas narrativas (como Robert Stam e Rosângela Nuto, por exemplo), as relações entre pós-modernidade, identidade e violência (como Zygmunt Bauman e Stuart Hall) e a representação da violência no cinema (como Luís Nogueira e Rose Hikiji). O filme objeto desta análise teve ampla repercussão quando de seu lançamento, recebendo inclusive diversos prêmios em festivais internacionais de cinema, como Cartagena, Lima, San Sebastian, Huelva e Monte Carlo, além de ser o indicado de seu país ao Oscar de Filme Estrangeiro daquele ano. Este trabalho faz parte das pesquisas realizadas no âmbito da pesquisa continuada "Cinema, Literatura e História" e do projeto de extensão "Cinemas e Temas", ambos por mim coordenados na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná.

Palavras-chave: Cinema. Violência. Representação.

## **7291 - VIOLÊNCIA, MEMÓRIA E NARRATIVA: UMA LEITURA DE *MEMÓRIAS DO ESQUECIMENTO*, DE FLÁVIO TAVARES**

Vanderléia de Andrade Haiski (UNIJUÍ)

O livro *Memórias do esquecimento* (2012), do jornalista Flávio Tavares, é um relato de testemunho sobre sua prisão e sua tortura após o golpe militar de 1964 no Brasil. O autor, que resistiu à ditadura, além de ter sido libertado com outros quatorze presos em troca do então embaixador dos Estados Unidos, Charles Elbrick, iniciou, nos anos seguintes, um longo período de exílio, do qual foi vítima e sobrevivente da chamada Operação Condor. Este estudo tem como objetivo analisar, através de revisão bibliográfica, as relações entre a violência, a memória e a narrativa no relato testemunhal de Tavares. É através da memória que o passado existe de forma peculiar para cada indivíduo e é através dela que cada um pode reviver experiências passadas, incluindo os episódios de violência e trauma. Assim, por meio de tal expediente, a testemunha ou a vítima de um evento violento tem a possibilidade de organizar mentalmente essas experiências e, então, articular o presente ao passado e ao futuro. Porém, para organizar e externar suas lembranças, a testemunha tem que lidar com os atos falhos, o esquecimento, a repressão, a resistência e até mesmo com o anseio de dispor de um ouvinte confiável e encontrar nas palavras a significação adequada para expressar tais recordações. A memória possibilita ao indivíduo traumatizado resgatar o seu passado e exercer uma função importante na medida em que auxilia o sujeito a narrar e a reorganizar a situação violenta e/ou traumática internamente, pois os relatos testemunhais são espécies de subterfúgios encontrados pelas vítimas para atribuir sentido às suas experiências e, com isso, minimizar a sua dor. Alguns dos estudiosos que dão embasamento a este estudo são Sigmund Freud, Walter Benjamin, Jeanne Marie Gagnebin, Márcio Seligmann-Silva e Enrique Serra Padrós.

Palavras Chave: Violência. Memória. Narrativa. Literatura de testemunho. Ditadura.

## **7319 - VIOLÊNCIA E LITERATURA: SEQUELAS DE UMA NARRATIVA QUE RECLAMA COMPREENSÃO**

Catiussa Martin (UNISC)

A história da Colômbia, marcada inicialmente pela violência gerada pelos conflitos internos, é objeto de textos literários como *Delírio*, de Laura Restrepo. O presente artigo procura discutir aspectos dessa obra, tomando como referência conceitos aplicados aos estudos da memória e da violência na literatura hispano-americana. Assim, abordam-se as narrativas que trazem como tela de fundo a violência armada não como um apelo mercadológico, mas na necessidade literária da compreensão da situação de violência, a qual suscita reações e respostas, que, quando transcritas, tornam-se partes complementárias da história de um país. Olha-se para as relações da violência, da permeabilidade entre os fatos violentos e a forma como foram narrados dentro das circunstâncias que os tornam possíveis em um regime opressor. Para tanto, o trabalho vai se voltar para a realidade da Colômbia ao abordar, igualmente, a necessidade da narrativa para o ser humano como forma de superação de um trauma e, principalmente, como propulsora de uma memória social. Para a análise da expressão narrativa que organiza subjetividades e demarcações culturais na representação das sequelas da violência, o texto se vale de Paul Ricoeur, Lejeune, Jelin e Molloy. Percebe-se, no ato de narrar, uma forma de compartilhar certa experiência e proporcionar o conhecimento subjetivo de mundo, que é gerado pela memória de um trauma e que reclama compreensão.

Palavras-chave: Memória. História. Violência. Narrativa.

## **7209 - OS FIOS DE MNEMÓSINE: CONFLITO, HISTÓRIA E LITERATURA EM LA HORA AZUL, DE ALONSO CUETO**

Julia Tomazi (UNISC)

Esta pesquisa consiste no estudo das memórias sobre a violência em *La hora azul*, de Alonso Cueto. Objetivando refletir a respeito da relação que se estabelece, na obra, entre história e literatura, o estudo tem por base os conceitos de memória vistos, principalmente, em Jelin (2012), Le Goff (1994) e Halbwachs (2004), testemunho como em Penna (2003) e Seligmann-Silva (2003), história com Contreras e Cueto (2013), Cotler (2006) e Galeano (2004) e literatura em Cueto (2005). A presente pesquisa apoia-se na crescente produção literária, que aborda a temática do conflito interno do Peru dos anos 1980 a 2000, de maneira a apontar os traumas causados pela violência. O texto de *La hora azul* destaca-se pela presença de depoimentos de personagens vítimas da luta armada que, ao relatarem seu sofrimento, contam também sobre a história do país. O romance de Alonso Cueto foi escolhido porque abre caminho para pensarmos sobre a construção da ficção literária, constituída a partir de testemunhos reais e, dessa forma, sobre como a ficção se aproxima da história, tendo em comum a memória.

A nossa busca pretende contribuir para a investigação da literatura latino-americana contemporânea, especialmente aquela pautada por eventos históricos traumáticos. A dissertação propõe-se a discutir que literatura é essa e qual a sua relevância enquanto manifestação cultural que, conforme Vich (2009), contribui para o processamento e a reflexão sobre o trauma.

Palavras-chave: Memória. História. Literatura. Teor testemunhal. *La hora azul*.

23/08/2017 – QUARTA-FEIRA

8:30 – 10:00

### **7247 - A QUESTÃO DA IDENTIDADE FEMININA NA OBRA *A MERCY*, DE TONI MORRISON**

Suellen Cordovil da Silva (UNIFESSPA)  
Adriana Claudia Martins (UFSM)

Nosso objetivo neste trabalho é analisar os aspectos de gênero e da identidade no romance *A Mercy* a partir da crítica cultural e feminista. Esta obra foi escrita por Toni Morrison, uma mulher negra e professora universitária que apresenta sua escrita não como feminista, mas carregada de marcas profundas sobre a exploração da mulher em tempos de escravidão. Morrison recebeu o prêmio Nobel de Literatura de 1993 e, em seus trabalhos, ela relata as experiências de mulheres negras e os padrões convencionais de beleza nos Estados Unidos durante os séculos XIX e XX. Morrison expõe como era a vida das mulheres nos tempos de escravidão e de como elas eram submissas à sociedade e ao poder do homem. A autora descreve um contexto social no qual essas mulheres estavam inseridas em um completo desconhecimento do verdadeiro lugar social que ocupavam. A sustentação teórica para a discussão deste trabalho toma como base alguns estudiosos: Hall (2000), Roullier (1997), Tyson (2006) e Woodward (2012), os quais nos auxiliam na compreensão da construção da identidade e gênero em *A Mercy*. Ao problematizarmos e discutimos acerca da relação entre identidade feminina à luz da obra de Toni Morrison, entendemos que as mulheres representadas no romance são vítimas de uma opressão patriarcal decorrente da escravidão.

Palavras-chave: Toni Morrison. Teorias feministas. Identidade. *A Mercy*.

### **7248 - A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA SÉRIE *THE HANDMAID'S TALE***

Danielle Fullan (UFMG)

Este trabalho pretende analisar as representações da violência contra a mulher apresentadas na série *The Handmaid's Tale* (2017), adaptação para a TV da obra homônima de Margaret Atwood, de 1985. A série destaca como o papel social da

mulher e sua vida íntima foram profundamente transformados após a substituição da democracia dos Estados Unidos pelo regime teocrático de Gilead. Nosso objetivo é ressaltar como a política é utilizada na série como instrumento de legitimação da violência e das relações de dominação fundamentadas no patriarcado, que não apenas oprime a mulher, mas a apresenta como uma mera ferramenta cuja existência se justifica à medida que pode satisfazer as necessidades do homem. Pretendemos evidenciar ainda como a organização social de Gilead indiretamente legitima essas relações de dominação em relação às mulheres, como a perda da identidade feminina, pois as Aias, mulheres destinadas a gerir filhos aos governantes, são proibidas de usarem seus antigos nomes e reconhecidas como propriedades desses governantes. A análise teórico-metodológica será feita à luz da conceituação de violência proposta por Chauí (1999) e O'Donnell (1999), da definição de patriarcado proposta por Walby (1990), além da reflexão sobre as representações femininas na cultura de massa de Jacomek (2015). Acreditamos na relevância deste trabalho, considerando que o livro e a série abrem espaço para uma reflexão crítica a respeito da violência contra a mulher que oprimem também milhares de mulheres em muitos regimes totalitários no mundo.

Palavras-chave: Patriarcado. Violência. Mulher. Dominação. Representação Feminina.

## **7246 - CELIE JOHNSON, DO SILÊNCIO À PERCEPÇÃO DO SER-MULHER**

Adriana Claudia Martins (UFMS)  
Vera Lúcia Lenz Vianna (UFMS)

Este estudo considera a obra *A Cor Púrpura*, escrita por Alice Walker (1986), e tem como objetivo compreender alguns aspectos da [auto]constituição da identidade de Celie Johnson, personagem que, a partir da escritura de cartas, em sua maioria para Deus, e da interlocução que realiza com outros personagens no romance, aos poucos, vai recuperando sua autoestima. Em sua trajetória, Celie precisa enfrentar e desconstruir primeiro a força do olhar daqueles que a veem e a classificam apenas como mulher negra, feia e pobre. Celie vai tecendo uma outra história que, na forma de cartas endereçadas a mais de um destinatário, torna a narrativa singular, pois as cartas dão forma a palavras; palavras que se transformam em imagens de experiências pungentes: o retrato de um corpo negro que vive imerso na opressão social e familiar. É possível afirmar que Celie Johnson vai superando seu silêncio e dor a partir das vivências e descobertas de seu corpo, do seu ser-mulher e de seu fortalecimento espiritual. Suas cartas podem ser percebidas como mecanismos de expressão da vivência, do tempo e das identidades sempre em formação. Para Kaplan (1993.p.185), o romance de Alice Walker, 'representa um paradigma de mudança; é uma celebração ficcional de sua capacidade de avaliar e afetar as relações sociais nas quais ela própria se encontra'. Para a análise, consideramos as teorias de Judith Butler (2016), Bourdieu (2010), Beauvoir (1980) e Habermas (2002), entre outros estudiosos que sustentam as discussões no âmbito dos debates sobre questões de gênero e reflexões acerca da conceituação de identidade. Com essas orientações teóricas

adotadas, emolduramos nossa pesquisa no escopo de estudos que consideram a literatura escrita por mulheres negras no século XX, no contexto da crítica sociocultural.

Palavras-chave: Violência. Identidade. Gênero. Literatura.

## **7222 - "ELE ME BATE, MAS ME AMA": A ROMANTIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA LITERATURA DE ENTRETENIMENTO**

Yasmim Naif Amin Mahmud Kader (UFSM)

A violência contra a mulher sempre esteve explícita em nossa sociedade. Implícita, porém, talvez esteja na literatura de entretenimento, a qual, na popularização da literatura de *best-sellers*, romantizou comportamentos abusivos, relacionamentos problemáticos e, também, a Cultura do Estupro. A violência em tais narrativas, então, passou a ser aceita se, como justificativa, a figura masculina se redime com a amor que a mulher, mesmo abusada psicologicamente, aceita. Nessa perspectiva, o presente trabalho tem por intuito discutir a romantização da violência mascarada dentro da literatura dita comercial, visando a ressaltar representações problemáticas e/ou relacionamentos abusivos. A análise abrangerá tanto os livros da literatura erótica - popularizada nos últimos anos com o lançamento de *Fifty Shades of Grey* - como a literatura fantástica, na qual, em muitos casos, objetifica a figura feminina ou a constrói a partir do interesse masculino. Para isso, a discussão será ancorada por um embasamento voltado às questões de representação de gêneros, além de autores que discutam a violência na literatura. Ademais, será feito um comentário sobre como a *Cultura do Estupro* pode influenciar tais construções problemáticas de relacionamentos. Para a análise, serão utilizados três livros de literatura erótica (*Paper Princess*, *Beautiful Disaster* e *Fifty Shades of Grey*) e um livro da literatura fantástica (*A Court of Thorns and Roses*).

Palavras-Chave: Cultura do Estupro. Literatura. Romantização. Mulher. Relacionamento Abusivo.

## **7357 - MAIS LÁGRIMAS DO QUE SORRISOS: TREZE VIDAS MARCADAS POR VIOLÊNCIA, DOR E SOFRIMENTO**

Luciane de Lima Paim (UFSM)  
Patrini Viero Ferreira (UFSM)

Sabe-se, que mesmo escrevendo desde cedo, somente agora, aos 70 anos, Conceição Evaristo alcançou o auge de sua carreira, tão almejada. A cada dia, essa autora ganha mais espaço no mundo das literaturas e torna-se, cada vez mais, um ícone e uma referência para a literatura afro-brasileira. Seja escrevendo, palestrando ou conversando, Evaristo apresenta-nos uma literatura vasta de profundas reflexões acerca das questões de raça e de gênero, com o objetivo claro de revelar a desigualdade em nossa sociedade. Dentre as várias obras

dessa autora, para essa pesquisa foi escolhida a obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011). Esse livro é composto por 13 contos, e cada um narra a história de uma mulher. Essa obra aborda histórias de violência, dor e sofrimento de 13 mulheres. Assim sendo, os objetivos desse trabalho são identificar as situações e os tipos de violências que essas mulheres enfrentam e as formas de dominação as quais elas são submetidas. Como fundamentação teórica, utilizaremos Yves Michaud, com sua obra *A Violência*; Pierre Bourdieu, com *A Dominação Masculina: A condição feminina e a violência simbólica*; e para compreendermos a discussão voltada para a violência contra a mulher, nos basearemos em textos e obras de Simone de Beauvoir, Bell Hooks e Carole Boyce Davies. Metodologicamente, serão analisados excertos da obra, para identificarmos os tipos e as situações de violências, e as dominações que as mulheres enfrentam. À guisa de resultados, de um modo geral, identificamos que todas as mulheres apresentadas nos contos passaram por situações de violência, e ora foram dominadas por parentes, ora por desconhecidos, ora foram violentadas por quem amavam, ora foram violentadas por quem odiavam.

Palavras-chave: Conceição Evaristo. Literatura afro-brasileira. Violência. Mulher. Dominação.

## **7483 - O TESTEMUNHO COMO UM GRITO DE LIBERDADE: O OLHAR DA MULHER CUBANA NA PRODUÇÃO LITERÁRIA DE WENDY GUERRA**

Janaína Buchweitz e Silva (UFPEL)

Esta comunicação pretende discutir a representação da violência em Cuba a partir da análise da narrativa da escritora Wendy Guerra. A autora aborda temas como violência, opressão, exílio, censura e repressão propiciadas pelo regime cubano, bem como a falta de possibilidade de expressão da mulher em Cuba. No romance *Todos se vão*, é representada uma luta pela sobrevivência, em que a autora mescla elementos biográficos, ficção e fatos históricos. A autora tenta representar a força das mulheres em uma sociedade machista, e, ao mesmo tempo, dar voz a uma classe ainda marginalizada pela sociedade cubana: a mulher. Já no romance *Nunca fui primeira dama*, o alter ego da autora debate-se novamente com o desejo de fugir de Cuba e o concomitante amor por sua problemática nação, mesclando assim um sentimento de amor e repulsa por seu país e por tudo o que ele representa. Em uma tentativa de recuperação da memória, a autora tenta entender a manutenção de regras estabelecidas pelo regime ditatorial que ainda são acatadas na contemporaneidade. Ambos os romances abordam a questão do trauma originado de uma situação de experiência negativa vivenciada pela censura e opressão impostas por um regime que consequentemente oprime de maneira mais eficaz a mulher cubana. Serão discutidas as relações entre história e trauma, a partir de reflexões de autores como Seligmann Silva e Lacpra, além de menções a questões como memória, história, esquecimento e violência, refletindo ainda sobre o vazio de experiência proposto por Benjamin. Pretende-se demonstrar que a literatura produzida pela autora cubana é uma tentativa bem-sucedida e necessária em dar voz a uma classe marginalizada principalmente dentro de seu próprio país - a mulher, tendo em vista que as obras

de Wendy Guerra já são publicadas em diversos países, mas ainda inéditas em Cuba.

Palavras-chave: Literatura cubana. Violência. Trauma. Censura.

#### **7444 - A CONSTRUÇÃO DA MULHER-MONSTRO EM "CREME DE ALFACE", DE CAIO FERNANDO ABREU**

María Elena Morán Atencio (PUCRS)

O presente trabalho tem como objeto analisar, com base em uma perspectiva genética, o conto “Creme de alface”, de Caio Fernando Abreu, com foco na construção da “mulher-monstro”, personagem protagonista do texto, cujo caráter se complexifica ao longo das cinco versões existentes, disponíveis no acervo do autor no Espaço de Documentação e Memória Cultural - DELFOS, da PUCRS. Diversas formas de preconceito são veiculadas nesta personagem, ora vítima, ora vitimária, presa na volatilidade e na velocidade próprios da vida nos grandes centros urbanos. Nesse sentido, o conto oferece as condições ideais para fazer um cruzamento da crítica genética com os estudos culturais, tomando como base os estudos de Julia Kristeva e Stuart Hall. Rasura a rasura, versão após versão, é possível enxergar como o processo de construção do conto é, ao mesmo tempo, o processo de construção da violência latejante na personagem feminina, que desconta as múltiplas e poderosas opressões das quais tem sido e é objeto, enquanto mulher e enquanto ser social, no contato agressivo com o Outro. A existência dos indivíduos anônimos da cidade a agride e ameaça os fundamentos da própria identidade desta mulher. O fato aparentemente simples de andar pelas ruas da cidade supõe para a personagem uma experiência radical de alteridade que não dá certo: onde poderia haver encontro, ela só enxerga confronto.

Palavras-chave: Personagem. Processo criativo. Alteridade. Violência. Preconceito.

#### **7344 - A VERDADE DOS E NOS CORPOS: PERFORMATIVIDADE E VIOLÊNCIA EM *MENINOS NÃO CHORAM* (1999) E *TOMBOY* (2011)**

Caio Ramos da Silva (UFRGS)

Partindo da análise dos filmes *Meninos Não Choram* (Kimberly Peirce, 1999) e *Tomboy* (Céline Sciamma, 2011), o presente trabalho busca articular as noções de performatividade, tal como inicialmente proposta por Judith Butler (2012), violência e verdade, a partir de Michel Foucault (2012, 2014, 2015). A ideia de que o gênero é performativo contribui para uma compreensão de gênero para além dos modelos essencializantes e identitários que pressupõem uma correspondência infalível entre anatomia e expressão de gênero. Tal correspondência se inscreve assim como uma verdade nos corpos, um regime de verdade que impõe um modelo de masculinidade e feminilidade. Porém, assim como vemos em ambas as produções, a desestabilização desses códigos não

revela apenas a arbitrariedade do ato de designar um gênero, mas também dá a ver os agenciamentos que naturalizam esses códigos. A exposição da falha e do desencontro entre as expressões de gênero de ambos protagonistas e suas anatomias desencadeia uma resposta violenta que não pode prescindir do reestabelecimento dos lugares normativos do feminino e masculino nos corpos. O cinema aparece aqui não somente como recurso ilustrativo, mas também como uma parte de uma engrenagem que produz e reitera os códigos do feminino e masculino, ou melhor, como uma tecnologia que produz o gênero, como afirma Teresa De Lauretis (1987).

Palavras-chave: Gênero. Performatividade. Transgeneridade. Violência; Cinema.

23/08/2017 – QUARTA-FEIRA

15:30 – 17:30

### **7134 - A LIBERDADE EM DECLÍNIO: AS REPRESENTAÇÕES DE PODER E DESUMANIZAÇÃO EM *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA*, DE JOSÉ SARAMAGO**

Letícia de Oliveira Galvão (UEPG)

Muitas características presentes na construção romanesca da obra *Ensaio sobre a Cegueira*, de autoria de José Saramago, estão diretamente ligadas às formas de poder intrínsecas apresentadas nos estudos do filósofo Michel Foucault, grande teórico francês. Estruturalmente apresentada para reproduzir os moldes das condições de poder na sociedade de sua época há, na obra de Saramago, uma cegueira instantânea acaba por atravessar classes e trazer à tona a maior das instituições de poder: o estado. Este estado, com o argumento de que precisava conter uma epidemia, exila todos os cegos em um determinado hospício, tornando-os marginalizados e coagidos por policiais que norteiam o local. Por meio da narrativa, observamos a desumanização e animalização dos seres humanos dispostos no chamado hospício e notamos que a necessidade de se alimentar e se proteger transforma-os em assassinos e torturadores, o que acaba por mostrar que, até mesmo entre as pessoas marginalizadas, o poder pode se tornar repressivo. Sob a luz de *Vigiar e Punir*, obra de Foucault, busca-se então refletir sobre a destruição da liberdade e a condição de violência que acaba por conduzir a sociedade, e observamos que muitas das situações de repressão intrínsecas em *Ensaio sobre a cegueira*, de Saramago, não acontecem apenas entre estado e minorias, mas também entre estas próprias minorias. Através do estudo, notamos que a metáfora trazida pelo autor ainda está presente em certos contextos atuais e tratar sobre este assunto é essencial para se (re)pensar acontecimentos vividos hoje, tanto no Brasil quanto no resto do mundo.

Palavras-chave: Foucault. Minorias. Poder. Repressão. Saramago.

### **7440 - A CÚRIA E O CÁRCERE**

Lucas Antônio de Carvalho Cyrino (UFRGS)

A narratividade dada por Frei Betto ao diário de Frei Fernando de Brito, escrito de modo fragmentado e com grande dificuldade (não na intenção, mas na própria realização, dado o contexto) durante os quatro anos em que estiveram sob a tutela carcerária do Regime Militar, constitui uma obra singular em meio àquelas que tratam do período da Ditadura no Brasil. Vindo a público em forma literária quarenta anos depois, o Diário de Fernando permite ao leitor contemporâneo compreensão, apropriação e até mesmo certa experimentação daquele período da história a partir da experiência *in loco* dos freis dominicanos. Nessa direção, este trabalho busca relacionar, a partir do relato da experiência, a medida em que a violência, as condições subumanas e a própria tortura condicionam o clero brasileiro a uma mudança de perspectiva em relação ao seu posicionamento e participação no período ditatorial, tendo como epicentro para esse câmbio a prisão e tortura dos freis dominicanos, por vezes colocados, durante o processo, em posição quase marginal em meio à própria Igreja Católica.

Palavras-chave: Ditadura Militar. Igreja Católica. Diário. Cárcere. Tortura.

#### **7423 - MEMÓRIA E RESISTÊNCIA: O CONTO DE BERNADO KUCINSKI**

Luana Teixeira Porto (URI)

Este artigo propõe uma leitura comparatista dos contos de Bernardo Kucinski publicados na antologia *Você vai voltar pra mim e outros contos*, lançada em 2014, observando especialmente a construção narrativa dos textos e sua problematização, por meio da forma e do tema, da vida social do Brasil no período da Ditadura Militar Brasileira. O objetivo do estudo é identificar estratégias estéticas que podem colaborar para uma construção da memória sobre esse evento histórico, assegurando o papel da literatura como produção cultural de resistência. Para isso, são adotados o conceito de memória sócio-história e de resistência.

Palavras-chave: Memória. Resistência. Ditadura Militar. Conto brasileiro. Bernardo Kucinski.

#### **7234 - ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA: A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA A PARTIR DAS NARRATIVAS LITERÁRIA E FÍLMICA**

Laísa Veroneze Bisol (URI)  
Vanderleia de Andrade Haiski (UNIJUÍ)

A violência se caracteriza nas mais diferentes formas e, na obra ***Ensaio sobre a cegueira***, do autor português José Saramago (1995), é possível verificá-la não apenas a partir de suas constituições físicas, mas também e, talvez principalmente, simbólicas. A história versa sobre uma epidemia de cegueira incomum que atinge toda a humanidade, excetuando apenas uma pessoa. Os

afetados são excluídos de sua convivência social para ficarem em quarentena, em um espaço onde vivenciam as mais diversas situações de degradação. Assim, o objetivo deste estudo consiste em analisar de que maneira esta violência simbólica é representada na narrativa literária, através dos aspectos textuais e, ainda, a partir da estética cinematográfica, já que a obra foi adaptada em filme homônimo, em 2008, pelo diretor Fernando Meirelles. Para este trabalho, de viés comparatista, abarcaremos, entre outros autores, estudiosos sobre a temática da violência como Jaime Ginzburg (2003), além de pesquisadores do cinema, como Jean-Claude Bernardet (1980). A partir das análises, compreendemos que a violência simbólica presente nas narrativas diz respeito, entre outros, a aspectos sociais, políticos, econômicos e de classe. Além disso, a narrativa textual, com detalhamento de descrições, permite que o leitor crie as suas imagens a respeito dos fatos violentos, tornando a violência simbólica palpável. Ademais, a narrativa fílmica, embora seja mais sucinta, representa esta mesma violência simbólica que é reforçada, não tanto pelo enredo roteirizado mas, principalmente, através das imagens, atuação e sons.

Palavras-chave: Ensaio sobre a Cegueira. José Saramago. Literatura. Cinema. Violência.

## **7245 - O SILÊNCIO DA VIOLÊNCIA: APONTAMENTOS SOBRE *EU RECEBERIA AS PIORES NOTÍCIAS DE SEUS LINDOS LÁBIOS*, DE MARÇAL AQUINO**

Glauciane Reis Teixeira (URI)

*Eu receberia as piores notícias de seus lindos lábios*, de Marçal Aquino, publicada em 2005, é uma narrativa sobre a força da paixão e a destruição que este sentimento gerou na vida dos amantes Cauby e Lavínia. Estruturada em quatro capítulos, ela é conduzida por três diferentes vozes: Cauby, o protagonista; Altino, um personagem; e um narrador onisciente em terceira pessoa. O pano de fundo é uma cidade inominada no interior do Pará que vive um momento tenso de crescimento, tanto da economia quanto da violência, provocado pela retomada das atividades do garimpo. Sedução, sexo, medo e brutalidade e loucura alimentam a complexa trama de amores que se transforma de tal forma que o caos implode e a desordem assume o comando. Cauby, fotógrafo paulistano, aos 44 anos, motivado pelo financiamento de uma agência francesa para fazer um livro, muda-se para o interior do Pará, a fim de fotografar as prostitutas que (sobre)vivem em torno do garimpo. Lavínia, 24 anos, é uma mulher que foge de casa depois de sofrer abusos sexuais do padrasto, passa a se prostituir e, depois de ser exorcizada, casa-se com Ernani, um pastor evangélico sessentão. Ao longo do romance, acompanhamos episódios pontuais de violência, os quais complicam a vida das personagens e, direta ou indiretamente, alteram a trajetória de cada uma, impondo o silêncio de forma cruel: Chang, o chinês, é eviscerado; Viktor Laurence, jornalista, suicida-se; Ernani é assassinado com dois tiros na face e um no peito; Cauby é apedrejado como forma de punição por ser o principal suspeito da morte do pastor e sua casa é queimada; Lavínia é internada em uma clínica

psiquiátrica e exposta a tratamento de choque. O presente trabalho discutirá as diferentes formas de violência que geram silêncios variados.

Palavras-chave: Silêncio. Violência. Identidade. Literatura Brasileira Contemporânea. Paixão.

#### **7418 - PRODUÇÃO DE POVO EM *BRANCO SAI, PRETO FICA***

Lennon Pereira Macedo (UFRGS)

O cinema brasileiro sempre lidou com a problemática do povo e da sua representação, seja desvelando uma pluralidade incomensurável, seja delimitando uma identidade nacional. Foi principalmente com o cinema novo que tais questões emergiram na cinematografia brasileira, denunciando o caráter ideológico da identidade nacional e incluindo na representação do povo brasileiro aqueles que antes eram excluídos de tal relação. O cinema brasileiro contemporâneo não é diferente, mas é possível ver em filmes recentes como *Branco sai, preto fica* (2015), de Adirley Queirós, que os procedimentos de caracterização desses “outros” são outros, e que o importante não é mais incluir os que estavam excluídos da representação, mas afirmar o múltiplo em si mesmo. O conceito de povo, conforme pensado por Giorgio Agamben (2015, p. 35), funda-se nessa cisão entre excluído e incluído, entre o *Povo* como “o conjunto dos cidadãos como corpo político unitário”, e o *povo* enquanto os “pertencentes às classes inferiores”. O povo, portanto, detém um caráter não essencial, mas sim relacional e construtivista. Isso significa dizer que o povo é sempre construído na e pela linguagem, seja identificado com o polo da totalidade incluída ou com o polo da totalidade excluída. Assim sendo, todo filme irá *produzir um povo* conforme um arranjo semiótico próprio. Os personagens de *Branco sai, preto fica* se encontram no polo excluído, tendo seus corpos mutilados devido a uma arbitrária violência policial de cunho racista. Porém, diante de um Estado que cria indistinções entre violência e direito através do aparato policial, esses habitantes da Ceilândia, periferia de Brasília, se juntam com o fim não de negociar direitos, mas de explodir a capital federal com uma bomba musical. Nesta recusa de participar da representação nacional, eles afirmam sua precariedade enquanto “populações periféricas” como luta política.

Palavras-chave: Biopolítica. *Branco sai, preto fica*. Cinema brasileiro. Povo. Produção de povo.

#### **7225 - QUEM PRATICA A VIOLÊNCIA: REFLEXÕES A PARTIR DO CURTA-METRAGEM *O MATADOR DE BAGÉ***

Laísa Veroneze Bisol (UFSM)

A narrativa cinematográfica, quando construída a partir do gênero curta-metragem propicia, de maneira sucinta e objetiva, percepções acerca de um determinado tema, a partir de contextualizações breves, mas, em geral, abarcando elementos

que podem oportunizar a reflexão. A partir disso, buscamos verificar, através desta pesquisa, a representação da temática violência em um curta-metragem produzido no Rio Grande do Sul e vencedor, em sua categoria, do prêmio Assembleia Legislativa de Cinema, inserido no Festival de Cinema de Gramado, em 2013. O curta-metragem *O Matador de Bagé*, de Felipe Lesbick, permite que nos questionemos de que maneira a violência se constitui nesta narrativa, considerando o contexto histórico-cultural do Rio Grande do Sul, já que o filme se passa na capital gaúcha, Porto Alegre. Assim, esta pesquisa tem como objetivo verificar, através da análise do curta-metragem, quem são os sujeitos que cometem e quais são aqueles acometidos pela violência, com o intuito de compreender quais são estes perfis. Além disso, buscaremos entender quais são os atos de barbárie representados e suas possíveis motivações e consequências. Para o desenvolvimento deste estudo pesquisaremos, entre outros autores, Jean-Claude Bernardet (1980), que permitirá as compreensões acerca da análise fílmica, e ainda estudiosos que discorrem sobre a violência, como Jaime Ginzburg (2003). A construção deste trabalho permite saber que a violência é exposta neste curta-metragem como algo comum na sociedade, inclusive como forma de libertação do tédio. Entretanto, a presença de ironia torna o filme passível de reflexões, ainda que ínfimas, a respeito da temática abordada.

Palavras-chave: Violência. Cinema. Curta-metragem. *O Matador de Bagé*. Rio Grande do Sul.

## **7168 - A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA EM JOSÉ SARAMAGO**

Deivis Jhones Garlet (UFSM)

É consenso que a obra romanesca de José Saramago possibilita uma reflexão crítica de ordem ética e política. Nesse sentido, a crítica literária observa, com perspicácia, elementos humanistas e democráticos na obra do autor, sobremaneira em relação a uma posição axiológica de crítica ao autoritarismo e à violência política e econômica. Tomando a crítica precedente como ponto de apoio, argumentaremos que a representação da violência na obra saramaguiana aponta para o descrédito da mesma enquanto valor (negativo) absoluto, estando sua legitimidade ou ilegitimidade condicionada aos particulares concretos, construindo-se, então, um humanismo próximo das definições de Bakhtin e de Sartre. Outrossim, a posição política em defesa dos segmentos sociais desfavorecidos parece ser uma tônica, construindo-se cenas de violência em que os recursos estilísticos, a própria descrição e a posição do narrador contribuem para a negação da violência dos setores dominantes e para a sensação de legitimidade de específicas manifestações violentas por parte dos setores dominados. Por outras palavras, a violência - enquanto universal abstrato - perde consistência diante dos casos singulares concretos do universo ficcional, motivando uma reflexão crítica acerca do discurso (liberal-conservador) do senso comum de peremptória negação de qualquer tipo de violência. Partindo da análise de cenas que mimetizam violências e de seu cotejo com textos teóricos que refletem acerca da temática, a exemplo de Hannah Arendt, advogaremos em causa do argumento de que o humanismo saramaguiano, reconhecido pela crítica

acadêmica, caracteriza-se pela responsabilidade e pela responsividade perante o outro e, assim, a violência necessita ser apreendida em sua ambivalência axiológica.

Palavras-chave: Saramago. Humanismo. Violência.

### **7342 - SEGREDOS EMPAREADOS: A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA EM ESTAÇÃO CARANDIRU, DE DRAUZIO VARELLA**

Patrini Viero Ferreira (UFSM)  
Luciane de Lima Paim (UFSM)

Obra simbólica da literatura carcerária brasileira, *Estação Carandiru* narra os dez anos de experiência de Drauzio Varella em seu trabalho voluntário de prevenção à AIDS na casa de detenção Carandiru, em São Paulo, maior presídio do país, hoje desativado. O presente trabalho tem por objetivo principal analisar a obra de Drauzio Varella, empreendendo uma busca no sentido de entender como a violência está ali representada, em termos de nível (físico, verbal, psicológico, social). Partindo deste ponto, foram utilizados referenciais teóricos abrangentes, que contemplam os diversos âmbitos necessários à pesquisa. Yves Michaud, Karl Eric Schollhammer e Gilberto Velho são aqui trazidos levando em conta os conceitos e definições por eles apresentados para o termo violência em suas mais diversas formas; para contextualizar esse conceito de violência dentro do cenário carcerário, aparecem Erving Goffman e Michel Foucault; destacando o sistema prisional brasileiro em suas variadas facetas e ângulos, são aqui propostos os nomes de Augusto Thompson, Sande Nascimento de Arruda, Rafael Godoi, Luiz Eduardo Soares, Cesar Barros Leal e Luís Francisco Carvalho Filho. A metodologia utilizada neste trabalho consiste em uma análise do livro *Estação Carandiru*, atentando para a visão de violência que a obra traz consigo e selecionando fragmentos em que seja possível visualizar a mobilização dos conceitos já citados anteriormente. Após o processo, constatou-se que existe uma representação da violência dentro da obra, em todos os seus níveis, não apenas entre agentes penitenciários e prisioneiros, mas também entre os próprios detentos.

Palavras-chave: Literatura carcerária. Sistema prisional brasileiro. Violência prisional. Representação da violência.